

BREVES REFLEXÕES BOURDIESIANAS: A imagem e a questão biográfica à luz da chacina em Realengo

Introdução

“... Em 7 de abril de 2011, por volta das 8h30min da manhã, na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, Wellington Meneses de Oliveira, de 23 anos, invadiu a escola armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos presentes, matando doze deles, com idade entre 12 e 14 anos. Oliveira foi interceptado por policiais, cometendo suicídio.”¹. Uma tragédia semelhante àquelas ocorridas em escolas dos Estados Unidos nos últimos anos e que “paralisou e chocou um País”. Para muitos, ficou a perplexidade em relação à atitude com a qual o jovem Wellington executou a chacina, praticando, a seguir o suicídio; para outros, este episódio só refletiu a situação educacional da nação brasileira, dentro de um contexto urbano cercado por violência. Esta supostamente vem contaminando um dos últimos “recantos de tranqüilidade” que, para os pais, era, até recentemente, um espaço de aprendizagem e convívio sócio-educacional: a escola.



Foto aérea feita por uma das muitas equipes de reportagem que se encontravam em frente à Escola Municipal

¹Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo. Acesso em 12 out. 2011, às 18h e 11 min.

Tasso da Silveira, minutos após o desenlace do fato, ocorrido em sete de abril de dois mil e onze. Créditos / blog Psicologia em Foco: <http://gabriele-albuquerque.blogspot.com/2011/04/realengo-e-midia.html>

Contudo, o que este artigo propõe são duas questões que, aparentemente, se tornam pouco percebidas diante de uma avalanche de imagens da ocorrência (vídeos e fotos) e do contexto carregado de emoção e revolta que elas provocam: a “anatomia de um crime” ou o resgate histórico feito pela imprensa escrita, televisiva e eletrônica da trajetória de vida do “Atirador de Realengo”, bem como, sua relação com as representações (discursivas e imagéticas) deste fato. Assim, pretende-se fazer uma breve análise sobre esses dois pontos de convergência: o massacre na escola Tasso da Silveira e as perspectivas do pensamento sociológico de Pierre Bourdieu no que tange à questão da biografia e das imagens difundidas pela mídia.

A Trajetória Biográfica

Primeiramente, é preciso compreender a crítica de Bourdieu no tocante ao entendimento do contexto biográfico de determinado indivíduo no âmbito de sua análise sociológica. Trazendo para a discussão um artigo escrito por Greyce Kely Piovesan, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ela considera que em seu *Esboço de auto-análise*:

...Bourdieu discorre sobre sua formação escolar, a iniciação sociológica, as experiências de trabalho e de vivências familiares no meio rural e na Argélia, buscando sempre fugir de sociologizar a sua própria vida, com o intuito de aprender uma vida e uma obra sob as condições de sua realização. [PIOVESAN, s/ano, p.4].

Isto é, para o sociólogo francês, é preciso mais do que uma mera explicação autobiográfica para dar veracidade à sua própria produção teórica. É necessário pensar e converter o olhar do sociólogo para algo mais significativo, pautado por uma racionalidade empírica e subsidiado por uma aprendizagem contínua de um processo cotidiano. Neste caso, todo ser humano, ao ser analisado ou analisar a si mesmo, pode dimensionar fatos e conseqüências de seus atos com o que, realmente, importa para se traçar um conciso perfil de vida, a partir de sua trajetória no espaço social.

Assim sendo, pode-se aferir que, quando a mídia jornalística expôs, em rede nacional,

a vida pregressa do “Assassino de Realengo”, divulgada ora por meio de uma série de informações superdimensionadas, desencontradas e/ou muito imprecisas, ora mais reais, mas com um viés amplamente exagerado, pressupõe que a trajetória de vida do criminoso em questão é utilizada pelas mídias de modo determinista e sensacionalista. As mídias parecem tentar convencer a população brasileira de que o *bullying* sofrido na escola onde praticou o homicídio, a compulsividade por jogos de vídeo games violentos, a sua crença religiosa fanática e o “exemplo” dos terroristas islâmicos, os quais supostamente praticavam atentados sangrentos pelo mundo afora, foram fatores determinantes para acionar o gatilho psicológico que provocou nele o impulso de morte para cometer tal ato contra aqueles (as) adolescentes no âmbito da escola. Acrescente-se a isso os tais distúrbios psíquicos dos quais ele sofreria e que podem ter uma fundamentação genética e hereditária ligada a sua mãe biológica que fora diagnosticada como esquizofrênica há muitos anos. Porém, se nos apoiarmos nas reflexões de Pierre Bourdieu acerca da biografia, esses procedimentos que fazem o discurso da imprensa aderir ao senso comum não passa de uma ilusão biográfica, isso por que:

A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram de contrabando no universo do saber; (...) Falar de história de vida é pelo menos pressupor, e é muito que a vida é uma história e que uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e a narrativa dessa história. É o que diz o senso comum, isto é, a linguagem cotidiana, que descreve a vida como um caminho, um percurso, uma estrada, com suas encruzilhadas (Hércules entre o vício e a virtude), ou como uma caminhada, isto é, um trajeto, uma corrida, um cursus, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a “mobilidade”), que comportam um começo (“um início de vida”), etapas, e um fim no sentido duplo, de termo e de objetivo (“ele fará seu caminho”, significa: ele terá sucesso, ele fará uma bela carreira), um fim da história. (...) em resumo, uma teoria da narrativa, narrativa de historiador ou de romancista, dessa perspectiva indistinguível,... [BOURDIEU, 1996, p. 74].

Esse autor nega assim um caráter científico ao pressuposto de que, por meio da inserção biográfica ou autobiográfica, a antropologia e a sociologia possam fundamentar certos conceitos ou explicações convincentes em relação a momentos ou acontecimentos na vida de um indivíduo. Ao fazer isso, a perspectiva científica utilizada neste momento como instrumento para a elaboração destas reflexões subsidia a afirmação de que a disposição que coloca o modo de pensar do senso comum em destaque, desvirtua o sentido daquilo que poderia constituir o núcleo da objetividade do discurso midiático: abordar a trajetória de vida de um ser humano na perspectiva da construção de fatos que, mais tarde, sirvam de

dispositivo na construção de um raciocínio crítico e reflexivo que organiza a realidade de modo compreensivo.



Wellington Meneses de Oliveira, o “Atirador de Realengo” em imagem gravada dias antes de praticar a chacina na escola Tasso da Silveira. Credito / UOL Notícias – Oops, especial Massacre em escola do Rio: (<http://noticias.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2011/04/13/policia-ajudou-globo-com-video-de-assassino-diz-band.jhtm>.)

Ora, quando o jornalismo se vale de recursos como aqueles já mencionados, tal meio de comunicação ocupa-se, sobretudo, em dar o foco espetacular à notícia e ao que essa vai trazer de repercussão instantânea. Portanto, parece prevalecer neste meio o pressuposto de que neste momento (caracterizado pela sociedade do espetáculo) os grupos de comunicação que detêm o poder de produção e difusão da informação, somente podem considerar informações que, na verdade, em pouco ou nada contribuem para a argumentação crítica de todos. É preciso filtrar as informações recebidas ao longo de uma vida (sejam elas autobiográficas, biográficas ou não) para fazer destas um instrumental teórico e prático de uma análise concisa e profícua daquilo que nos rodeia, sem, entretanto, cairmos no engordo do objetivismo didático.

Contudo, não se pretende neste momento acusar ou simplesmente denegrir a imprensa brasileira de um modo geral. Na realidade, a proposta deste artigo surgiu de inquietações

frente à relação entre a pretensa objetividade do discurso da imprensa e aquela formulada pelo discurso sociológico. Constitui-se, portanto, como a tentativa de elaboração de um pensamento crítico-reflexivo sobre os rumos tomados pelas mídias frente a determinados episódios históricos que marcaram o cenário nacional nos últimos tempos. Neste contexto, o enfoque jornalístico baseado na credibilidade e competência, por vezes, pode estar sendo substituído pela celeridade excessiva, baseada em certa competitividade entre colegas de profissão e demais veículos comunicativos. Assim, com frequência, o que parece estar em jogo é poder comprovar quem é o “melhor” em matéria de informação ao público. Isso, provavelmente, pode ser justificado pelas palavras de João Paulo Charleaux (2011) quando observa, inicialmente, em seu texto *As Verdadeiras Armas de Destruição em Massa* que:

Hoje, 94 brasileiros morrerão depois de receber um disparo de arma de fogo. É como se a tragédia ocorrida há uma semana na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro, se repetisse oito vezes por dia. Todos os dias. Por não compor um enredo comovente, esta hecatombe a granel passa para os registros sorrateiramente – não há cartas de psicopatas suicidas, nem há vídeos no Youtube mostrando parentes gritando na rua e estudantes fugindo. Não é notícia. [CHARLEAUX, 2011].

Assim sendo, ele somente constata que: a visibilidade midiática parece constituir-se fundamentalmente de acontecimentos trágicos, de proporções por vezes catastróficas. A estes as mídias se apegam de maneira incontestada, na corrida pela informação precisa, mas duvidosa em matéria de qualidade informativa.



O corpo do “Assassino de Realengo”, caído no segundo lance de escadas que dá acesso ao 2º andar na escola Tasso da Silveira, logo após cometer suicídio. O fato jornalístico evidenciado as “últimas conseqüências” pode dar margem a uma espécie de sensacionalismo barato, o qual pode, por vezes, jogar contra a reputação de imparcialidade que a mídia tanto preza em propagar. Tudo em nome da informação. Foto: Agência O Dia.

A produção de imagens em um mundo ocularcêntrico

Outro ponto a ser debatido é a questão das imagens geradas a partir do fato decorrido de uma ação instantânea. Na atualidade, quando se pensa no surgimento de um acontecimento marcante nas sociedades ocidentais, a imagem reveste-se de uma importância tão marcada que parece traduzir assim o espírito deste tempo (em especial no contexto do discurso da imprensa). No entanto, que efeitos tais imagens exercem sobre a condução de uma reflexão acerca daquilo que acontece no instante da ocorrência e sobre a mediação do evento como um verdadeiro espetáculo? Ou ainda: quando começa o automatismo generalizado na utilização do instrumento fotográfico e/ou vídeo câmera frente à exploração do fato registrado? Mas também: onde e quando termina a responsabilidade da suposta imparcialidade na mostra do evento ocorrido naquele instante?

É provável que, ao tomarmos como exemplo a argumentação desenvolvida por Stela Guedes Caputo (2001) em seu artigo *Fotografia e Pesquisa em Dialogo sobre o Olhar e a Construção do Objeto*, possamos estabelecer balizas mais precisas para o distanciamento entre o olhar sociológico e o jornalístico. “... para pensar o real é preciso pensá-lo relacionalmente e também romper, muitas vezes, com noções pré-construídas, Bourdieu instrumentaliza o olhar do pesquisador para que este mais que olhar, olhe ativamente e, portanto, veja.” [CAPUTO, s/ano, p. 2]. Deste modo, é possível considerar que, em relação à dimensão que o sociólogo aborda como uma ocorrência com a qual não tem distanciamento histórico, ela pode não só incitar o desenvolvimento de uma visão estruturada a partir de um recorte metodológico preciso e atento aos mínimos detalhes de uma pesquisa de campo, mas também pode transpor a barreira do simples olho treinado (o dito olhar biônico) do fotógrafo. Assim, o olhar sociológico seria capaz de enxergar os acontecimentos sob outra ótica (a ótica da relação conceitual) apreendendo aquilo que pode estar nas entrelinhas da imagem fotográfica ou fílmica, porém, por diversas vezes escondida pela tensão ou emoção de um evento.

Mas será que isso é realmente viável? Será que, numa sociedade extremamente midiática como a nossa, em um mundo altamente capitalizado para estar se comovendo facilmente com imagens de acontecimentos trágicos, os sociólogos acham-se preparados para ir além daquilo que é mostrado em fotos e vídeos por toda a imprensa nacional ou estrangeira? Seremos capazes de relativizar dados e fatos que nos chegam a velocidades inimagináveis há quinze ou vinte anos através desses meios supracitados?

O distanciamento que é cobrado pela academia e, por extensão, pelo próprio Pierre Bourdieu aos sociólogos em formação ou já formados, não é extensivo à sociedade como um todo. Assim, no caso da imprensa, não é possível afirmar de forma absoluta que ela o faça: seja por especificidades que atendam à dinâmica da conversão de fatos em notícias, ou mesmo, intencionalmente, por atender a propósitos e interesses que extrapolam o campo tratado, contrariando, assim, um dos pilares que regem a ética no jornalismo em qualquer lugar do mundo: **que a notícia, sob todos os aspectos e acima de interesses políticos e particulares, tem que ser prioridade número um.**

No Brasil, isso pôde ser constatado de todas as formas na chamada Tragédia de Realengo, tanto nos discursos dos telejornais das principais emissoras deste país (Redes Globo e Recorde de Televisão, bem como os seus portais na Internet – G1 e R7 –

respectivamente), os quais bombardearam os telespectadores com cenas chocantes e boletins quase frenéticos a partir do ocorrido (fora outros canais de informação virtuais bastante conhecidos como o UOL – Universo Online – e os sites IG e Terra que de minuto a minuto atualizavam o números de adolescentes mortos, feridos e etc.), quanto no fato de que os próprios moradores da comunidade atingida pela ocorrência, de imediato, sacaram de seus celulares com câmeras digitais e fotográficas embutidas e produziram amadoristicamente as primeiras imagens exclusivas do local.



Telejornais como o Jornal Nacional (Rede Globo) e o Jornal da Record (Rede Record) fizeram uma ampla divulgação, em seus respectivos horários de exibição, do ocorrido na escola Tasso da Silveira. Enfatizando, por dias, e até, semanas, todo o desenrolar das conseqüências que o evento supracitado ocasionou nas vidas das famílias (tanto das doze vítimas fatais, quanto da de Wellington), bem como, toda a repercussão dessa ocorrência no bairro de realengo, quanto em todo o território nacional. Isso passa uma mensagem clara que, por vezes, a massificação da informação é um dos muitos tipos de recursos utilizados pela imprensa como forma de dar informação ao público, ao mesmo tempo em que “vende” a mesma, cobrando, ética e moralmente, uma resposta das autoridades públicas (poderes executivo, legislativo e judiciário, polícia, etc.) e da própria sociedade como um todo para combater a violência.

O que para os mais conservadores e moralistas pode ser considerada como uma atitude desprovida de caráter e de qualquer isenção de sentimentos por parte desses atores mencionados pode ser, contudo, entendido como elevar-se a outro status, pois: “Fazer parte de uma fotografia é garantir o testemunho da presença,...” [BOURDIEU, Pierre e BOURDIEU, Marie-Claire, 2005, p.37]. Bourdieu acrescenta ainda que:

A fotografia popular elimina o acidental ou o aspecto que, como imagem efêmera, dissolve o real temporalizando-o. O “instantâneo”, a fotografia “tirada ao vivo” – que é uma expressão de uma visão do mundo nascido no Quatrocentos, com a perspectiva – opera um corte instantâneo no mundo visível e, ao petrificar o gesto humano, imobiliza um estado único da relação recíproca entre as coisas, e prende o

olhar num momento imperceptível de uma trajetória nunca completa. [Idem, p. 39].

Por conseguinte, o que se pode compreender a partir de tais considerações é, objetivamente, traçar um perfil complexo a respeito da relação entre público especializado e imagem midiática. Neste caso, ainda parece válida a reflexão desenvolvida por Bourdieu para um contexto específico: o cidadão do campo originário de sua cidade natal (Denguin), localizada na região de Beárn e a fotografia. Com um viés essencialmente sutil e preciso no que diz respeito ao simbolismo que uma foto trazia a determinadas pessoas de origem simples, o autor apontou que é possível ver naquele instante a oportunidade de se eternizarem de maneira a colocá-los em uma condição de destaques.



Jovem desmaia na saída do hospital Albert Schweitzer, na zona oeste do Rio, após saber que a irmã Samira Pires Ribeiro, baleada por Wellington Menezes de Oliveira, havia morrido. Wania Corredo/Agência O Globo.

Considerações finais

Conclui-se este artigo com uma análise condensada a partir de dois pontos de apoio concretos, os quais foram criteriosamente escolhidos por sua similaridade com as perspectivas sociológicas de Pierre Bourdieu: o valor heurístico para a pesquisa em Ciências Sociais da confluência entre trajetória biográfica e imagem em fotografia e vídeo. Valendo-se de um acontecimento social, este artigo procurou mostrar o quanto elementos conceituais dispersos na obra deste cientista social podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, construir novas perspectivas de pesquisas de campo na sociedade atual, bem como, questionar opiniões acerca de muitas situações vividas pelo sociólogo cotidianamente e que podem passar despercebidas à população na qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. Paris: 1986. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

BOURDIEU, Pierre e BOURDIEU, Marie-Claire. **O Camponês e a Fotografia**. Curitiba: Revista de Sociologia Política, núm. 26, p. 31-39, jun 2006.

CAPUTO, Stela Guedes. **Fotografia e Pesquisa em Diálogo Sobre o Olhar e a Construção do Objeto**. Rio de Janeiro: Revista Teias, ano 2, núm. 4, jul/dez 2001.

CHARLEAUX, João Paulo. As Verdadeiras Armas de Destruição em Massa. In.: AZENHA, Luis Carlos (Org.). **Vi o Mundo: o que você não vê na mídia**. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/revolveres-pistolas-e-fuzis-as-verdadeiras-armas-de-destruicao-em-massa.html> Acesso em 13 out. 2011, às 18h e 36min.

PIOVESAN, Greyce Kely. **Biografia, Trajetória e História**. Florianópolis: s/ano, p. 1-8. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Greyce%20Kely.pdf> Acesso em 12 jun. 2011, às 13h e 17min.